

04 *Alta corrói prestígio de Cardoso*

O governo Itamar Franco está correndo contra o tempo. A cada dia que passa, fica mais e mais difícil adotar políticas de impacto de combate à inflação e de busca da estabilização econômica, mesmo porque, na medida em que o mandato do Presidente se aproxima mais da fase final, fica mais difícil construir alianças no Congresso Nacional, em torno do Governo.

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, que assumiu o comando da economia com carta branca para fazer o que mais achasse conveniente, e com elevado índice de apoio tanto na área política como em praticamente todos os segmentos da sociedade, está aos poucos vendo minguar sua credibilidade, na relação direta da subida da inflação ou mesmo na sua estabilização nos atuais patamares, em torno de 33% ao mês. Não pode haver ministro forte com uma inflação de 33%, reconhecem técnicos do Planejamento. E a fortaleza do ministro da Fazenda, que de certo modo ainda persiste, deve-se à sua imagem política e acadêmica construída no passado.

O tempo, contudo, trabalha contra o ministro, na medida em que ele tem de assumir posições antipáticas, defendendo o arrocho dos salários e vetando a liberação de recursos para projetos sociais e em que vai endurecendo o jogo do controle dos gastos públicos junto a governadores e prefeitos e junto a toda a classe política.

O ministro arrisca-se, ainda, a ter de enfrentar, neste segundo se-

mestre, uma onda de greves, na esteira de uma "super-safra" de datas-bases entre setembro e novembro, destacando-se aí os metalúrgicos, eletricitários, bancários e petroleiros.

Rachaduras — Hoje, já não se pode falar mais em unanimidade em torno do ministro da Fazenda. Esta unanimidade já faz parte do passado, e as críticas ao plano (que plano?) econômico começam a fluir de todos os segmentos, com mais abundância. Eleva-se o grau de insatisfação social na proporção inversa do prestígio do ministro Fernando Henrique, que se vê hoje mais distante da figura que lhe atribuíram, tão logo assumiu o Ministério da Fazenda, de presidenciável de 18 quilates. Esvaem-se os quilates, junto com a esperança da população em dias melhores, ainda neste Governo.

O estabelecimento do cruzeiro real, bem verdade, trouxe um pequeno fôlego para o Governo. Durante algum tempo, as pessoas vão estar envolvidas no aprendizado da nova moeda. Mas este efeito será passageiro. Não resiste ao fim do aziago agosto e logo as atenções recairão novamente sobre a política salarial e sobre a alta continuada da inflação. Quanto mais rápido o Governo adotar as medidas de estabilização com as quais sonha, seja prefixação ou dolarização, tanto maiores serão suas chances de relativo êxito. Deixar as coisas para 94 é suicídio. Pelo menos é assim que reagem os técnicos da Seplan, como que postos meio a escanteio pela paciente equipe da Fazenda.